

ARTIGO

AMY WINEHOUSE, NA DESPEDIDA

Sobre o suposto namoro entre o processo criativo e as drogas

(Texto estabelecido a partir de uma troca de comentários no Facebook)

agosto de 2011

O que fez a vida de Amy (mais que seu corpo) parar de funcionar? Fala-se demais, nas últimas semanas, sobre a biópsia da cantora – uma parada de órgãos que é apenas resultado de outra tragédia, anterior e mais delicada. Não vale dizer que Amy era assim porque talento é difícil de suportar – há gente demais provando o contrário hoje. Há gênios demais com vidas longas. Que diriam Paul McCartney, Mikhail Baryshnikov ou Picasso, que viveu 92 anos?

*

Na clínica, sabemos que a drogadicção mais duradora e grave depende de alguém dando suporte, algum cuidador que paga as contas (ou, nos casos da Amy ou do Michael, recebe) para ajudar. É o chamado co-dependente. Este parceiro do sintoma pode estar mesmo na família, quando trata essas estrelas com deslumbramento, sentindo que recebe delas bem mais do que dá, e por isso só agradece. A resistência que a vida e os outros impõem a nós, que não brilhamos em palcos e quadras esportivas, talvez essas pessoas não a sintam, quase nada. Sem grandes desacordos, sem obstáculos, sem medo de perder o amor. A drogadicção, assim, é viável.

Na clínica, para terminar com a co-dependência, é possível recomendar à família o abandono, como gesto de cuidado, de carinho. A pessoa precisa saber quanto custa sua drogadicção, física e materialmente, de maneira solitária, para poder escolher se continua ou não. Deixar fazer e passar mal, sem acomodações. Os custos dos sintomas físicos, da fome, dos transtornos do sono, de ficar na rua, da dependência voraz devem ser arcados somente por ela. Sem mãezinha para dar banho e pagar o carro batido. Sem assessor para carregar do palco (dá para imaginar?). Costuma resultar muito bem. Muito mais que o tradicional "rehab", como feito atualmente – que, por ironia, provou sua ineficácia.

*

Quanto à criatividade, Van Gogh, psicótico, dizia ser necessária a lucidez para criar. Amy caía durante o show – quem irá defender que as drogas ajudam? Os partidários dessa tese improvável às vezes explicam que os agentes químicos privilegiam o acesso ao inconsciente. Faço *link* com um artigo anterior, “Ao Além

das Drogas”, que recusa essa idéia (<http://www.naccache.net.br/resources/Al%C3%A9m%20das%20drogas.pdf>). A droga, isto sim, simula (apenas simula) uma transcendência sensorial, para quem busca ser mais ou ir além de si mesmo. Ela sinaliza para os outros que a pessoa queria ir além de si, ou escapar de si, descansar de si. Mas haveria inúmeras maneiras de chegar a isso.

Uma pessoa é melhor que si mesma sozinha, é maior que isto, se ela consegue o contato mais sensível e transformador com o outro: no amor, na cultura, nas artes, especialmente ao criar. Amy Winehouse e Michael Jackson sabiam criar, mas talvez quase só isso. São duas vidas que parecem, mesmo de tão longe como as vemos, muito cindidas das pessoas em volta. Não?

A televisão estes dias listou os gênios mortos aos 27 anos, como se a morte e a angústia fossem amantes da genialidade criativa. Será que podemos pensar então a hipótese oposta, para considerarmos que Michael ou Amy tinham talvez um acesso muito frágil ao outro, e só conseguiam exceder a si mesmas na sua criação, daí terem ficado tão incrivelmente boas nisso? Será que cantar, dançar ou compor eram suas únicas fontes de lucidez – e justamente por isso essas pessoas insistiram tanto nas suas artes, a ponto de chegarem a uma qualidade histórica? É triste a associação entre criação e angústia. Prefiro pensar, com a psicanálise, que a criação é o avesso da angústia, que a arte é a resposta sã – como escreveu Freud. É, aliás, uma visão que ganha espaço no mundo contemporâneo, que Elizabeth Gilbert expõe com elegância literária em sua apresentação do TED: “On nurturing creativity” (www.ted.com/talks/elizabeth_gilbert_on_genius.html).

A autora do singelo, mas reconhecidíssimo, *Comer, Rezar, Amar* mostra como os antigos colocavam os artistas em posição menos narcísica, quando entendiam que os gênios era criaturas divinas que expressavam suas obras através das pessoas, sem tanto mérito para os executores. Hoje podemos fazer o mesmo deslocamento, sair do individualismo, entendendo que a cultura e a linguagem têm seus desdobramentos possíveis à espera de um corpo que os execute e interprete. *Creative commons*. Gilbert é uma escritora de enorme repercussão mundial e pouco propensa a morrer de angústia ou drogas.

*

Uma referência constante, na conversa com criadores e nos registros que eles deixam, é que parte do processo criativo acontece em situações de dispersão. Aí emergem grandes idéias. Eles falam de soluções surgidas enquanto estão em filas de cinema ou de banco, na ginástica, no banho, na cama, à noite. Os irmãos Campana recordam ter uma poltrona desenhada às pressas durante um almoço na casa de amigos. Alex Atala conta ter tido *insights* sobre manteiga de cacau durante um papo à toa em avião.

Quando colocamos muita energia sobre um trabalho, os obstáculos que nos parecem intransponíveis, os bloqueios, ficam arquivados em nossa mente, de forma latente, e torna-se necessário um intervalo. A solução surge depois, a qualquer tempo, quando algum estímulo do mundo tem encaixe perfeito no problema e faz o

desfecho – ou, como dizia Mark Twain, quando o inconsciente tem o tempo de fazer suas conexões internas (daí muito vir em sonho).

Mas o desenlace dos processos criativos não é só questão de estímulo externo ou inconsciente, porque as questões de criação não são resolvidas apenas por elementos cognitivos. Nem todos os casos são análogos ao de Arquimedes na banheira, estudado com brilho por Charles Watson. Há também um segundo aspecto: pessoas que precisam criar ou resolver algum problema intelectual, e que estão sob pressão no dia-a-dia, encontram somente nos momentos de dispersão a distensão da *psique* que a permite operar.

Um amigo designer percebeu isso claramente em si. Na empresa onde trabalha há reunião de planejamento financeiro toda terça-feira, sempre em clima muito exigente. Ele diz que só consegue voltar a fluir para trabalhos mais radicais de criação “a partir de quinta”. Precisa de um tempo para deixar escoar a tensão das cobranças administrativas. Quando volta a respirar, já “transtornam” sua vida novamente na outra terça. Por isso, durante a semana, ele percebe que as idéias de trabalho vêm especialmente quando ele chegou em casa. Muitas vezes, projetos seus se resolveram enquanto ele cortava a grama à noite – ele é norte-americano e fica naquele carrinho de um lado para o outro, cuidando da fachada. Ele mesmo explica: ali, à noite, ele “baixa a guarda das suas neuroses”, “para com a obsessão sobre o chefe e as contas”. Talvez venha daí, desta distensão de uma *psique* cruel, a fantasia de que as drogas ajudariam a criar, como ajudariam a namorar (e sabemos que não há performance pior). É problema de um mundo “uptight”, de planejamentos financeiros na terça, de pessoas especialmente rígidas, duras consigo e com os outros, que se sentem submetidas nos contextos em que vivem.

Então, não podemos estranhar que sejam justamente essas pessoas, ávidas pela distensão (mais que pela criatividade), que procurem as drogas e tenham, eventualmente, relações cindidas ou superficiais, apenas festivas, de oba-oba, com os outros. Se Amy ou Michael tiveram uma visão do mundo em volta muito duro, muito tenso, como Robbie Williams sugeriu que aconteceu também com Elvis, e talvez Marilyn, eles provavelmente viram as pessoas a seu redor como condutoras de uma ordem voraz sobre elas, e submeteram-se – apenas para buscar o escape depois, na química.

Assim, fica difícil imaginar como eles iriam sequer pedir socorro, ou acreditar nele. O socorro representaria ainda mais exigência. Os holofotes que traziam a euforia, o amor público e o dinheiro deviam ser também vigilantes paranoicizantes para esses artistas que não sabiam parar. Acreditar-se prisioneiro dos outros e ser prisioneiro de si mesmo é, afinal, uma forma violenta de narcisismo.

Prefiro, então, em contraste ao romantismo do criador-sofrido-e-doente, as palavras de Elizabeth Gilbert e de tantos criadores das diversas qualidades de cultura, que descobriram que a prisão não é necessária, e souberam melhor e antes a hora de dizer “no, no, no”.

Dela, justamente, o trechinho do *Comer, Rezar, Amar* sobre o descanso italiano, o “dolce far niente”... (Segue o link: <http://www.youtube.com/watch?v=A33BjGblq1M>).

A quem diz que Amy era tão brilhante que não suportaria uma vida normal, vale responder que o melhor da vida não tem nada de normal. A celebração da morte precoce de Amy parece gesto de quem se sente condenado em uma vida sem graça. Elogio cabe aos criadores que souberam onde estava o limite, mais que à Amy, que expôs seu público ao seu pior. Gostaria de ver na imprensa uma lista dos gênios da arte, da ciência e do esporte que fizeram laços com a vida, e morreram na velhice.